

Casos de maus-tratos contra animais têm alta de 21% na região

No primeiro semestre deste ano, foram registrados 168 casos de abuso, omissão ou abandono, contra 139 no mesmo período de 2025

GABRIEL ROSALIN
gabrielrosalin@dgabc.com.br

Casos de maldade contra animais seguem no cenário do Grande ABC. Em um ano, a região apresentou um aumento de 21% nos registros de maus-tratos. Segundo dados da SSP (Secretaria da Segurança Pública), obtidos via LAI (Lei de Acesso à Informação), entre janeiro e junho de 2026 foram 168 casos contra 139 no mesmo período do ano passado.

São Bernardo liderou com 48 ocorrências, seguido de perto por Santo André com 45. Diadema e Mauá aparecem na sequência com 27 e 21, respectivamente. Já Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e São Caetano possuem os menores índices, com 13, oito e seis na ordem.

A ativista e voluntária da ONG andreense (Organiza-

ção Não Governamental) Focinhos Carentes, Samantha Borges, afirmou que o aumento dos registros pode estar relacionado a uma falta de compromisso em relação ao cuidado com os animais. "Muitas pessoas adquirem um animal no impulso, sem considerar as responsabilidades envolvidas em proporcionar uma vida digna e saudável. Isso resulta em um número crescente de abandonos e maus-tratos, pois nem todos estão dispostos a assumir o compromisso de cuidar adequadamente de um animal", disse.

Os registros passados pela SSP contemplam desde prática de abuso e crueldade até omissão de tutela e abandono dos pets. A professora e coordenadora do curso de medicina veterinária da Umesp (Universidade Metodista de São Paulo), Juliana Mergel, afirma que deixar um animal

sem água, alimento, abrigo, em condições inadequadas ou sem atendimento veterinário também configura maus-tratos pela legislação.

Visando diminuir comportamentos, as administrações municipais pretendem intensificar projetos. A Prefeitura de Mauá, por exemplo, desenvolve o programa "Cuidar é Castrar", que realiza busca ativa em bairros com maior vulnerabilidade com cadastros para castração e mutirões nos próprios territórios.

De acordo com a ativista da causa animal Samantha Borges, a fiscalização é essencial para inibir casos, mas somente isso não basta para o respeito às leis. "É necessário que órgãos públicos assumam um papel mais ativo, oferecendo apoio às ONGs e protetores que estão sobrecarregados com a quantidade de animais. A criação de

projetos destinados a acolher esses casos seria uma medida eficaz para aliviar a pressão de organizações", comentou a ativista.

Sendo assim, a Prefeitura de Diadema afirmou que está em fase de estudo para publicação de editais de cadastramento de ONGs e Protetores Independentes. Em Rio Grande da Serra, ocorrências são encaminhadas à polícia, que avalia e determina a quem será atribuída a tutela do animal, se para o município ou para um protetor.

Já São Caetano comunicou que o acolhimento é feito pelo Centro de Zoonoses. Em Santo André, a administração também conta com o zoonoses, mas os animais resgatados de maus-tratos são encaminhados ao abrigo do Hospital Veterinário Municipal, onde ficam acolhidos.

A adoção, inclusive, é uma forma de dar novas perspectivas de vida para os amigos de quatro patas. A médica-veterinária de São Bernardo, Natasha Costa, 39 anos, adotou a pet Aurora, uma pitbull de dois anos, em novembro do ano passado. Segundo ela, a cachorra passava fome e outros tipos de negligência antes de ser resgatada.

"Quando chegou, ela estava muito magra. Essa privação deixou algumas marcas no comportamento dela, principalmente em relação à comida e à proteção de recursos. No começo, ela demonstrava muita insegurança quando alguém se aproximava enquanto estava comendo, algo compatível com um animal que precisou disputar ou teve medo de perder alimento", disse.

"Acho os maus-tratos contra animais algo extremamente cruel e injustificável. Além das consequências físicas, tais atitudes deixam marcas comportamentais e emocionais que podem acompanhar o animal por muito tempo. A Aurora é um exemplo: mesmo após estar segura, alguns comportamentos ainda refletem aquilo que ela viveu. Adotar um animal que passou por maus-tratos também significa ter paciência para ajudá-lo a reconstruir a confiança nas pessoas", concluiu Natasha.



‘Adotar é maneira direta de salvar vidas’

A ativista e voluntária da ONG (Organização Não Governamental) andreense Focinhos Carentes, Samantha Borges, afirmou que criadores de animais para venda podem afetar diretamente a vida dos pets.

“Criadores chamados de ‘fundo de quintal’ muitas vezes não oferecem condições adequadas para os animais. Isso pode fazer com que os

filhotes desenvolvam problemas de saúde e comportamento, além de um sistema imunológico fraco. Outro ponto é que focar em raças específicas (*da moda*) pode causar problemas genéticos nos animais”, disse.

Para ela, quem deseja ter uma raça específica deve comprar de criadores responsáveis. Porém, é crucial sempre ter garantias de que

esses profissionais tratam bem os animais e trabalham dentro da lei.

“Adotar é uma maneira direta de salvar vidas e promover o bem-estar animal. Ao adotar, você oferece um lar para um animal necessitado e ajuda a diminuir a superpopulação nos abrigos”, comentou.

Para Juliana Mergel, professora da Umesp (Universi-

dade Metodista de São Paulo) e coordenadora de medicina veterinária, a reprodução motivada somente pelo lucro pode levar ao desgaste físico das fêmeas. “A compra por si só não é um problema, mas a situação muda quando ela não ocorre com responsabilidade. Além do desgaste, pode ampliar a incidência de doenças hereditárias”, disse. **GR**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 3